

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS ARAGUATINS
CURSO BACHARELADO EM ENGENHARIA AGRONÔMICA

SAMANTHA CARLOS LOURENÇO
VITÓRIA VIEIRA GOMES

**GÊNERO E AGRONEGÓCIO: A LUTA DAS MULHERES PELA
INCLUSÃO E CONTRA O PRECONCEITO**

ARAGUATINS – TO
2026

**SAMANTHA CARLOS LOURENÇO
VITÓRIA VIEIRA GOMES**

**GÊNERO E AGRONEGÓCIO: A LUTA DAS MULHERES PELA
INCLUSÃO E CONTRA O PRECONCEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso Bacharelado em Engenharia Agrônômica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus Araguatins*, como parte das exigências à obtenção do grau de Bacharel em Engenharia Agrônômica.

Orientadora: Dra. Erica Ribeiro de Sousa Simonetti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

L892g Lourenço, Samantha Carlos
 Gênero e agronegócio : a luta das mulheres pela inclusão e
 contra o preconceito / Samantha Carlos Lourenço, Vitória Vieira
 Gomes. – Araguatins, TO, 2026.
 43 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia
Agrônômica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Tocantins, Campus Araguatins, Araguatins, TO, 2026.

Orientadora: Dra. Érica Ribeiro de Sousa Simonetti

1. Agronegócio. 2. Gênero. 3. Inclusão. I. Gomes, Vitória Vieira. II.
Simonetti, Érica Ribeiro de Sousa III. , . IV. Título.

CDD 630

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
Campus Araguatins
Coordenação do Curso de Bacharelado em Engenharia Agrônômica

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "GÊNERO E AGRONEGÓCIO: A LUTA DAS MULHERES PELA INCLUSÃO E CONTRA PRECONCEITO".

AUTORES : Samantha Carlos Lourenço e Vitória Vieira Gomes

ORIENTADORA: Erica Ribeiro de Sousa Simonetti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus Araguatins*, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Bacharelado em Engenharia Agrônômica.

Aprovado em 13 de Março de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **Erica Ribeiro de Sousa Simonetti, Servidora**, em 14/03/2026, às 18:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Hernandes Goncalves da Silva, Membro**, em 16/03/2026, às 14:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberta de Freitas Souza Lobo, Servidora**, em 17/03/2026, às 14:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.iftoc.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3064613** e o código CRC **FDAA4872**.

DEDICATÓRIA

Àqueles que são meu farol, meu ar e meu amor:
minha mãe, Rozalina; meu avô, Francisco; e meu
irmão, Guilherme.

Ao meu primeiro sobrinho, Isaías.
A toda a minha família, em nome de minha amada
madrinha e tia, Anilda.

E, em especial, aos donos da minha maior
saúde, meus avós: Maria das Dores e Josias
Aleixo (in memoriam).

Samantha Carlos Lourenço

Àquela que é meu sinônimo de admiração,
conduta e amor: minha mãe, Jacilene.
Àquele que é meu guia de força, constância e
exemplo: meu pai, Francisco.

Em especial, à minha avó Rita, exemplo de
mulher forte e próspera.

E, com carinho, à memória do meu avô João
Ubaldo (in memoriam).

Vitória Vieira Gomes

AGRADECIMENTOS

Com fé e amor, agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida por terem escutado minhas orações e enxugado minhas lágrimas durante os momentos mais difíceis desta jornada acadêmica.

Todas as minhas conquistas e sucessos sempre serão compartilhados com minha mãe, Rozalina; meu avô, Francisco; e meu irmão, Guilherme Henrique. Sou profundamente grata pelo apoio constante e pelo incentivo em todas as áreas da minha vida.

À minha madrinha, Anilda, que é como uma segunda mãe, sou imensamente grata por tudo que faz por mim. Também agradeço aos meus primos Danila, Júlia, Yara e Pietro, por sempre estenderem a mão quando precisei. Pelas boas gargalhadas, pelos abraços acolhedores, pelas pequenas confraternizações, pelas conversas sinceras e por tornarem esta caminhada mais leve, agradeço imensamente aos bons amigos que fiz ao longo desses cinco anos, em especial: Ana Luiza, Caroline, Franciara e Vitória.

De todo o coração, agradeço à dona Rosa Rodrigues pelo acolhimento, pelos conselhos, pelas boas conversas e pela amizade ao longo desses anos. De modo geral, agradeço a toda a minha família, que direta ou indiretamente me ajudou, se preocupou e torceu por mim.

Agradeço, de forma especial, à minha parceira de trabalho, de curso e de casa, Vitória Vieira Gomes. Obrigada por me acolher, por confiar em mim e por sempre me ajudar.

Carinhosamente, agradeço também às vinte mulheres acadêmicas e profissionais que concederam entrevistas para a realização desta pesquisa.

Samantha Carlos Lourenço

Com imensa satisfação, deixo registrados aqui meus mais genuínos sentimentos de gratidão, fé e persistência, aos quais me apeguei fortemente ao longo desta jornada.

Aos meus pais, Jacilene e Francisco, que fizeram e continuam fazendo de tudo para que eu possa prosperar, sempre me ensinando, apoiando e incentivando. De forma muito especial, agradeço à minha mãe pelos abraços que transmitem a sensação de lar e pelo amparo constante; e ao meu pai, pelas boas conversas e pelos conselhos valiosos sobre a vida.

Agradeço também a Wemerson, meu companheiro de vida, que sempre me apoia, motiva e incentiva em todos os momentos.

Jamais poderia deixar de destacar as boas amizades que construí antes e durante o curso, pelas risadas compartilhadas e pelas experiências marcantes. Ana Luiza, Caroline e Samantha, muito obrigada.

De forma especial, agradeço à minha parceira de trabalho, que me acompanha desde o início do curso e nas experiências vividas ao longo desses últimos cinco anos: Samantha Carlos Lourenço, obrigada por tanto.

Ressalto e agradeço, ainda, a importante participação da minha avó Rita neste trabalho, pelo esforço, apoio e colaboração.

Sou grata a todas as pessoas que cruzaram meu caminho até aqui e ao apoio de toda a minha família e amigos.

Carinhosamente, também agradeço às vinte mulheres profissionais e acadêmicas que participaram das entrevistas e contribuíram para a realização desta pesquisa.

Vitória Vieira Gomes

“Se as mulheres são capazes de gerar vidas, não há limites para o que podem realizar e transformar.”

(Autor desconhecido)

RESUMO

O agronegócio é um setor historicamente dominado por homens, no qual as mulheres têm buscado cada vez mais conquistar espaço. No entanto, ainda existem fatores que dificultam a inclusão e a permanência feminina nesse setor. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar as barreiras estruturais, culturais e os preconceitos de gênero que interferem no ingresso e na atuação das mulheres no agronegócio. Quanto aos aspectos metodológicos, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem exploratório-descritiva. Foram entrevistadas cinco mulheres profissionais atuantes na área do agronegócio no município de Araguatins – TO e região, incluindo uma agricultora familiar. Além disso, participaram da pesquisa quinze acadêmicas dos cursos de Engenharia Agrônoma e Medicina Veterinária do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Araguatins. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado aplicado via Google Formulários e de uma entrevista semiestruturada realizada presencialmente com a agricultora familiar. De modo geral, observaram-se respostas semelhantes e recorrentes, evidenciando que, apesar do aumento da presença feminina em cursos das ciências agrárias, fatores como o preconceito de gênero, a necessidade de conciliar maternidade e/ou atividades domésticas, a falta de oportunidades, entre outros, ainda dificultam a inclusão e a permanência das mulheres tanto nos cursos quanto no mercado de trabalho do agronegócio. Assim, conclui-se que as oportunidades de ascensão profissional ainda são desiguais, sendo marcadas por preconceitos, sobrecarga de responsabilidades e falta de reconhecimento profissional.

Palavras-chave: agronegócio; gênero; inclusão; preconceito; mulheres rurais.

ABSTRACT

Agribusiness has historically been a male-dominated sector, and women have increasingly sought to establish their presence in this field. However, several factors still hinder women's inclusion and continued participation in agribusiness. Therefore, this research aims to analyze the structural and cultural barriers, as well as gender biases, that limit women's entry and participation in the sector. Methodologically, this study adopts a qualitative and exploratory-descriptive approach. Five female professionals working in the agribusiness sector in the municipality of Araguatins, in the state of Tocantins, and surrounding areas were interviewed, including a family farmer. In addition, fifteen students from the Agricultural Engineering and Veterinary Medicine programs at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Tocantins (IFTO) – Araguatins Campus participated in the study. Data collection was conducted through a structured questionnaire administered via Google Forms and a semi-structured in-person interview with the family farmer. Overall, similar and recurring responses were observed, indicating that although the number of women enrolled in agricultural science programs has increased, gender bias, the challenge of balancing motherhood and domestic responsibilities, lack of opportunities, among other factors, still hinder women's inclusion and permanence both in academic programs and in the agribusiness labor market. Thus, it can be concluded that opportunities for professional advancement remain unequal, marked by prejudice, excessive responsibilities, and lack of professional recognition.

Keywords: agribusiness; gender; inclusion; prejudice; rural women..

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Araguatins	24
Figura 2 – IFTO, Campus Araguatins	25
Figura 3 – Distribuição das mulheres entrevistadas por vínculo profissional e acadêmico em Araguatin TO.....	26
Figura 4. Tempo de atuação.....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resumo de informações sobre as profissionais entrevistadas	27
Tabela 2 – Resumo de informações sobre as acadêmicas de Engenharia Agrônoma	28
Tabela 3 – Resumo de informações sobre as acadêmicas de Medicina Veterinária	29

LISTA DE SIGLAS

ABAG – Associação Brasileira do Agronegócio

ALMA – Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio

CNMA – Congresso Nacional das Mulheres do Agro

FAO – Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFTO – Instituto Federal do Tocantins

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPESO – Instituto de Pesquisa

ONU – Organização das Nações Unidas

ONU Mulheres – Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres

PNAPO – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

PDRS – Planos de Desenvolvimento Rural Sustentável

PRONAF Mulher – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Mulher

SUMÁRIO

SUMÁRIO

1. Erro! Indicador não definido.
2. Erro! Indicador não definido.
 - 2.1 Erro! Indicador não definido.
 - 2.2 Erro! Indicador não definido.
 - 2.3 Erro! Indicador não definido.
 - 2.4 Erro! Indicador não definido.
 - 2.5 Erro! Indicador não definido.
3. Erro! Indicador não definido.
 - 3.1 Erro! Indicador não definido.
 - 3.2 Erro! Indicador não definido.
 - 3.3 Erro! Indicador não definido.
4. Erro! Indicador não definido.
 - 4.1 Erro! Indicador não definido.
 - 4.2 Erro! Indicador não definido.
 - 4.3 Erro! Indicador não definido.
 - 4.4 Erro! Indicador não definido.
5. Erro! Indicador não definido.
6. Erro! Indicador não definido.

APÊNDICES

1.INTRODUÇÃO

O agronegócio está presente em diversas etapas que antecedem, ocorrem no interior e sucedem as atividades das propriedades rurais. Esse setor abrange desde a fabricação e o fornecimento de insumos, a formação de lavouras e a criação de animais, até o processamento, a conservação e o armazenamento dos produtos. Além disso, envolve atividades de logística, distribuição ao consumidor final, pecuária, reflorestamento e aquicultura (Buranello, 2018).

Historicamente, o agronegócio foi predominantemente ocupado por homens, tanto em funções operacionais quanto em cargos de gestão. Entretanto, nos últimos 25 anos, observa-se um crescimento significativo da participação feminina nas mais diversas áreas e posições dentro do setor (Menezes, 2022). Apesar desse avanço, ainda persistem desafios para as mulheres que já atuam no mercado de trabalho rural e para aquelas que desejam ingressar nele. Esses obstáculos estão relacionados, principalmente, à necessidade de afirmação de seus direitos na sociedade e à dificuldade de conciliar responsabilidades familiares e profissionais (Silva & Radin, 2020).

Dados do Censo Agropecuário do IBGE (2017) indicam que aproximadamente 947 mil mulheres são responsáveis pela gestão de propriedades rurais no Brasil, administrando cerca de 30 milhões de hectares (Oliveira et al., 2020). Esses números evidenciam a crescente presença feminina no campo, embora ainda existam desigualdades estruturais que limitam sua plena participação e reconhecimento no setor.

No contexto educacional, o Instituto Federal do Tocantins – Campus Araguatins oferece dois cursos de graduação na área de Ciências Agrárias: Bacharelado em Engenharia Agrônômica, ofertado desde 2010, e Medicina Veterinária, implantado em 2024. Entre os anos de 2010 e 2025, foram registradas 297 matrículas de mulheres no curso de Engenharia Agrônômica, das quais 96 concluíram a graduação até o momento, correspondendo a 32,3% das matriculadas. No mesmo período, 471 homens ingressaram no curso, sendo que 173 concluíram a formação, o que representa 36,7% do total. Esses dados indicam que, embora o ingresso ainda seja majoritariamente masculino, a diferença nas taxas de conclusão entre homens e mulheres não é tão significativa.

Atualmente, no período letivo de 2025/2, observa-se uma maior aproximação entre os gêneros no número de estudantes matriculados, sendo 105 homens e 97 mulheres, o que demonstra uma tendência de maior equilíbrio na participação feminina

no curso de Engenharia Agrônômica ao longo dos últimos anos. Já no curso de Medicina Veterinária, o cenário apresenta predominância feminina, com 53 mulheres matriculadas em comparação a 33 homens, indicando uma tendência de maior presença feminina nessa formação.

Diante desse contexto, surge a seguinte questão de pesquisa: **de que maneira as barreiras estruturais, culturais e os preconceitos de gênero impactam o ingresso, a permanência e o reconhecimento das mulheres nos cursos de Ciências Agrárias do IFTO – Campus Araguatins, bem como quais são as dificuldades e preconceitos enfrentados tanto por acadêmicas desses cursos quanto por mulheres que atuam no agronegócio?**

A partir desse problema de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho foi analisar as barreiras estruturais, culturais e os preconceitos de gênero que influenciam o ingresso e a atuação das mulheres no agronegócio. Como objetivos específicos, buscou-se: identificar o perfil e o percentual de mulheres matriculadas nos cursos de Ciências Agrárias do Campus Araguatins; investigar as experiências de mulheres que atuam em cargos de liderança no agronegócio, destacando suas estratégias de superação e os desafios enfrentados; compreender os principais obstáculos relacionados à conciliação entre vida acadêmica, profissional e pessoal; e analisar a percepção das próprias mulheres acerca dos preconceitos de gênero, do reconhecimento profissional e da valorização de suas competências.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo apresenta uma discussão sobre a participação das mulheres no meio rural e no agronegócio, abordando os principais aspectos históricos, sociais e econômicos que influenciam sua inserção e atuação nesse setor.

Inicialmente, é apresentado um panorama histórico da participação feminina no campo, evidenciando como o trabalho das mulheres, embora fundamental para a produção agrícola e para a organização das unidades familiares rurais, foi por muito tempo invisibilizado e pouco reconhecido social e economicamente. Em seguida, são discutidas as relações de gênero no meio rural, destacando as desigualdades estruturais, a divisão sexual do trabalho e os impactos da cultura patriarcal na valorização do trabalho feminino. O capítulo também aborda a crescente inserção das mulheres em cursos voltados às Ciências Agrárias e sua participação no mercado de trabalho rural, bem como as competências femininas que vêm contribuindo para a inovação, gestão e sustentabilidade do agronegócio.

Por fim, discute-se o empoderamento feminino como elemento fundamental para o desenvolvimento sustentável, enfatizando a importância de políticas públicas e iniciativas institucionais voltadas à promoção da equidade de gênero no campo.

2.1 Histórico da participação feminina no campo

A presença das mulheres no meio rural acompanha a própria formação das sociedades agrárias, estando historicamente relacionada às atividades produtivas e reprodutivas das unidades familiares. Além do trabalho doméstico e do cuidado com a família, as mulheres sempre atuaram no cultivo de alimentos, no manejo de sementes, na criação de animais de pequeno porte e no processamento de produtos agrícolas. No entanto, essas atividades foram, por muito tempo, naturalizadas como extensões do papel doméstico feminino, o que contribuiu para sua invisibilização econômica e social, bem como para a exclusão das mulheres do reconhecimento como produtoras rurais (Paulilo, 2004).

Ao longo do século XX, especialmente a partir da modernização da agricultura, as desigualdades de gênero no campo tornaram-se ainda mais evidentes, uma vez que o acesso à terra, ao crédito e às tecnologias permaneceu concentrado majoritariamente nas mãos dos homens. A partir das décadas de 1980 e 1990, o avanço dos debates sobre agricultura familiar e desenvolvimento rural trouxe maior visibilidade à contribuição feminina, impulsionando a participação das mulheres em

associações, cooperativas e movimentos sociais. Esse processo foi fundamental para ampliar o reconhecimento do trabalho feminino e para inserir a pauta de gênero nas discussões sobre políticas públicas rurais (Abramovay, 1998).

Na atualidade, dados oficiais e organismos internacionais indicam que as mulheres representam parcela significativa da força de trabalho no meio rural, desempenhando papel estratégico na produção de alimentos e na sustentabilidade dos sistemas agrícolas. Estudos do IBGE e da FAO destacam que o fortalecimento da autonomia feminina no campo está diretamente associado à melhoria da segurança alimentar, à redução da pobreza rural e ao desenvolvimento sustentável. Apesar dos avanços institucionais e sociais, persistem desafios relacionados ao acesso desigual a recursos produtivos e à participação nos espaços decisórios, reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam maior equidade de gênero no meio rural (IBGE, 2019; FAO, 2011).

2.2 Relações de gênero no meio rural

Em sua atualização mais básica e atual, “gênero” se tornou sinônimo de “mulheres” nos últimos tempos, tem sido comum ver livros e artigos que falam da história das mulheres mudando os rumos para usar gênero no lugar de mulheres. Às vezes, isso é apenas uma referência meio solta a ideias mais teóricas, mas do ponto de vista analítico, o objetivo é deixar o tema mais palatável do ponto de vista político. Escolher a palavra “gênero” dá um ar de sofisticação e complementa o texto, porque ela parece mais imparcial e científica do que simplesmente mulheres (Scott, 1995).

As relações de gênero no meio rural são caracterizadas por desigualdades e hierarquias sociais, onde a cultura patriarcal e a distinção sexual do trabalho influenciam a participação e o reconhecimento das mulheres. Desafios como a invisibilidade do trabalho feminino, a precarização da sua atividade e a dificuldade de acesso a direitos e políticas públicas precisam ser enfrentados para construir uma maior justiça social no campo (Andrade et al., 2009). Entre as mudanças significativas registradas nas últimas décadas está o êxodo rural, no qual predominam mulheres jovens, que têm migrado para as grandes cidades em busca de trabalho ou de formação educacional. Isso se dá por diversos fatores ligados a relações familiares, tais como questões referentes aos sucessores dos estabelecimentos agropecuários, à divisão sexual do trabalho e à invisibilidade do trabalho feminino, provocando uma maior masculinização do meio rural brasileiro (Brumer, et al., 2005).

A inferioridade feminina é mais visível na análise das relações sociais do mundo rural: o impacto da modernização da agricultura sobre a mão-de obra feminina, a proletarianização da família rural e a intensificação do lugar da mulher na produção de alimentos e no seio da família no meio rural mantêm o trabalho da mulher, no plano simbólico, ainda caracterizado como trabalho complementar, ajuda da mulher. (IBGE, 2013: 83). De acordo com Paulilo: “apesar da sutileza empregada na exploração da mão-de-obra feminina, há mulheres que, realizando as mesmas tarefas que os homens, ganham menos.” (Paulilo, 1987, p. s/p).

Sobre a posição da mulher na sociedade, toma-se como base o estudo de Pierre Bourdieu (2005), no qual afirma ser a dominação masculina resultante daquilo que define como violência simbólica, ou seja, uma violência exercida por meio de vias simbólicas, como a comunicação e o conhecimento, e que por isso não é percebida sequer pelas suas vítimas. A divisão sexual do trabalho é frequentemente percebida como algo natural e até mesmo inevitável. Essa percepção está materializada nos objetos, nas instituições sociais e também incorporada nos corpos e nas práticas cotidianas, orientando o modo de ver, pensar e agir. Isso ocorre devido à correspondência entre as estruturas sociais externas e os esquemas mentais internalizados, o que contribui para a naturalização de construções sociais arbitrárias, tornando invisíveis as condições históricas e sociais que as sustentam.

As experiências de mulheres negras e indígenas, frequentemente destacadas nos discursos e interpretações de Buarque (2012), evidenciam a persistência do racismo estrutural como fator que aprofunda a precarização das condições de trabalho e de vida. Ainda, a classe social, a etnia e a deficiência influenciam juntas as chances de acesso a oportunidades e aumentam os riscos de exploração, como a falta de saneamento e de cuidados de saúde.

Historicamente, as relações entre homens e mulheres no campo são marcadas por divisórias patriarcais, entretanto, o cotidiano no meio rural entra no contexto das transformações sociais contemporâneas, no qual o papel da mulher tem mudado consideravelmente ao longo do tempo. Graças à Portaria nº 981/2003 do INCRA (2007), que determina que os títulos de terra sejam emitidos em nome de casais juntos, as mulheres conquistaram mais oportunidades para se envolverem em temas sociais e econômicos da vida no interior. Isso acaba tornando a Lei nº 4.504/64 (Casa Civil, 1964) mais equânime na prática, já que ela define como bases da reforma agrária o foco em justiça social, crescimento sustentável no campo e maior produtividade agrícola.

2.3 Inserção feminina em cursos de agronegócio e no trabalho rural

As mulheres têm procurado qualificação técnica e superior em cursos de agronegócio, zootecnia, administração rural, engenharia agrônômica, medicina veterinária, engenharia florestal e espaços correspondentes. De acordo com uma pesquisa realizada pela empresa Deloitte, apresentada no Congresso Nacional das Mulheres do Agro (CNMA) no Estado de São Paulo, após ouvir 400 mulheres da área, revelou que apesar de as mulheres terem escolaridade maior do que os homens, elas apontam ter sua capacidade intelectual questionada no trabalho. O índice foi de 41%, subindo para 75% entre as mulheres com idades de 18 a 30 anos. A partir dessa idade, 37% delas relatam esse tipo de questionamento. (Deloitte, 2022, Citado pela revista Forbes em 2022). Por isso, o esforço das mulheres em busca da educação quebra aquelas estruturas de poder baseadas em gênero e abre espaço para que elas assumam o comando na administração das fazendas e propriedades no campo. Grupos e redes de apoio que as ajudam a crescer profissional e tecnicamente acabam sendo o grande trunfo para criar um setor agropecuário mais dinâmico e cheio de oportunidades (Machado, 2023).

A crescente presença feminina em cursos de agronegócio representa uma mudança significativa no panorama rural brasileiro. As mulheres não apenas ocupam áreas antes negadas, como também ajudam para o desenvolvimento, humanização e modernização do setor, transformando-o cada vez mais eficiente e inclusivo. Mulheres estão alcançando funções de liderança, inovação tecnológica, sustentabilidade e administração financeira no território rural. Independentemente dos avanços, os desafios ainda existem, as estudantes e profissionais enfrentam dificuldades no acesso às redes de apoio, preconceitos e, diversas vezes, necessitam conciliar a vida acadêmica e profissional com outras responsabilidades, como, por exemplo, maternidade e serviços domésticos, que ainda recaem obrigatoriamente sobre elas (Quattromani, 2025).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, mais de 30% das propriedades do país eram lideradas por mulheres. Por mais que este estudo revela o protagonismo das mulheres no agronegócio, a realidade é que elas sempre estiveram presentes nesse espaço, mas agora ganhando o destaque merecido no mercado (Machado, 2023).

2.4 Competências femininas no agronegócio

As competências femininas no agronegócio vêm se consolidando como elementos centrais para a modernização e sustentabilidade do setor, abrangendo desde habilidades de liderança, gestão estratégica e até práticas inovadoras de produção. Segundo iniciativas promovidas com a ajuda da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG), como a Academia de Liderança para Mulheres do Agronegócio (ALMA), têm contribuído para a formação de líderes femininas com competências voltadas à inovação, governança e sustentabilidade, fortalecendo a capacidade de implementação de práticas mais eficientes e responsáveis no setor.

Programas de reconhecimento, como o prêmio Mulheres do Agro, também demonstram o impacto positivo da gestão feminina no agronegócio, valorizando trajetórias de mulheres que promovem progresso em diferentes cadeias produtivas. Remotamente, as mulheres eram vistas apenas como ajudantes, frequentemente de seus maridos, desenvolvendo trabalhos auxiliares sem reconhecimento e sem a devida remuneração. Por ser um setor que historicamente teve seus espaços de liderança ocupados por homens, a presença da mulher nem sempre é bem recebida. Justificativas históricas sempre estiveram associadas a essa pouca participação da mulher no agronegócio, como falta de capacidade, necessidade de cuidar do lar e fragilidades físicas e emocionais (Padilla, 2021).

Atualmente, a participação feminina em posições de comando no setor vem crescendo, ainda que de forma gradual, revelando um protagonismo que alia eficiência administrativa à sustentabilidade social e ambiental. Essa atuação tem contribuído para a diversificação das práticas de gestão, com destaque para a implementação de modelos colaborativos, maior atenção às demandas das equipes e adoção de estratégias sustentáveis (IPESO, 2022).

“Apesar dos avanços, ainda são diversos os desafios que as mulheres têm de enfrentar para o seu reconhecimento no agronegócio. Contudo, elas vêm cada vez mais conquistando significativa parcela dentro do setor. Sua presença é constante em diversas atividades: seja dentro da porteira – como produtoras agrícolas e pecuaristas – ou atuantes como executivas em empresas agroindustriais, enquanto docentes e pesquisadoras na área e inseridas em distintos órgãos voltados às questões do agribusiness (Cielo; Wenningkamp; Schmidt, 2014, p. 62).

As mulheres estão em busca de capacitação, como a formação acadêmica, especializações, até mesmo com mestrados e doutorados, cursos de conhecimento aplicado, dando um destaque para assumir posições mais importantes no campo,

assim tornam-se mais aptas para o trabalho na área do agronegócio (Segabinazi, 2013)

2.5 Empoderamento feminino e desenvolvimento sustentável

O empoderamento feminino e o desenvolvimento sustentável constituem temas interdependentes e de relevância central para a construção de sociedades mais justas e equilibradas. Promover a igualdade de gênero e garantir a participação ativa das mulheres em todas as esferas da sociedade, especialmente nas decisões econômicas, sociais e ambientais, é fundamental para alcançar um desenvolvimento que atenda às necessidades do presente sem comprometer as gerações futuras. Quando mulheres têm acesso à educação, saúde, trabalho digno e cargo de influência, tornam-se agentes de transformação capazes de impulsionar mudanças significativas em suas comunidades, gerando um ambiente propício à redução das desigualdades, à preservação do meio ambiente e ao crescimento sustentável (ONU, 2015).

A ampliação das liberdades femininas, como por exemplo, o acesso à educação e à autonomia econômica, é um meio eficaz de promover o desenvolvimento em suas múltiplas dimensões. Essa perspectiva está em consonância com a visão de Amartya Sen (1999), que entende o desenvolvimento como a expansão das liberdades reais das pessoas para poderem escolher e agir segundo seus próprios valores e objetivos. Nesse sentido, promover o empoderamento feminino significa ampliar as capacidades das mulheres, removendo obstáculos sociais, econômicos e institucionais que limitam sua liberdade de escolha e de ação, o que é essencial para um desenvolvimento verdadeiramente sustentável (Sen, 1999). "O desenvolvimento consiste na remoção de vários tipos de falta de liberdade que deixam as pessoas com pouca escolha e pouca oportunidade de exercerem a sua agência racional" (Sen, 1999, p. 10).

A emancipação feminina constitui um fator essencial para o alcance do desenvolvimento sustentável, especialmente ao se analisar a situação das mulheres que vivem em áreas rurais, historicamente marcadas por desigualdades sociais, econômicas e de gênero. Diante dessa realidade, diversas ações e políticas públicas vêm sendo implementadas com o propósito de fortalecer a autonomia das mulheres e ampliar sua presença nos processos decisórios que influenciam suas vidas e suas comunidades (Schwendler, 2014).

Um exemplo significativo é o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres Rurais, instituído no Brasil com a finalidade de garantir às mulheres do campo, das florestas e das águas o acesso a direitos fundamentais, como terra, crédito, assistência técnica,

infraestrutura e políticas de cuidado. Tal iniciativa busca enfrentar desigualdades estruturais e reconhecer essas mulheres como protagonistas do desenvolvimento rural sustentável. Outro espaço de destaque é a Conferência Nacional de Mulheres do Campo e da Floresta (CNMA), que atua como um fórum participativo voltado à construção de propostas formuladas pelas próprias mulheres, contribuindo para a elaboração de políticas públicas mais alinhadas às suas realidades e necessidades. Em âmbito internacional, destaca-se o papel da ONU Mulheres, que desenvolve ações e campanhas em prol da igualdade de gênero, da erradicação da pobreza e da sustentabilidade ambiental, em consonância com os princípios da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Ao promover a inclusão efetiva das mulheres nos processos de desenvolvimento, essas iniciativas reafirmam que a verdadeira sustentabilidade somente será alcançada quando houver justiça de gênero e liberdade plena para que todas as pessoas possam exercer seus direitos e potencialidades de maneira igualitária (FAO; ONU Mulheres, 2017; Siliprandi, 2015).

A participação das mulheres no meio rural é essencial para o desenvolvimento sustentável, pois elas atuam de forma significativa na produção de alimentos, na gestão dos recursos naturais e na preservação dos saberes tradicionais. A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) reconhece esse papel ao incentivar práticas agroecológicas e a agricultura familiar com base na equidade de gênero (Brasil, 2012). De maneira complementar, os Planos de Desenvolvimento Rural Sustentável promovem inclusão social e geração de renda, destacando a importância da participação feminina nos processos produtivos e decisórios. A incorporação da perspectiva de gênero nessas políticas contribui para a redução das desigualdades no campo e para o fortalecimento da autonomia das mulheres agricultoras (Siliprandi, 2015).

Em 2003, foi lançado o PRONAF Mulher, um programa de crédito destinado às mulheres agricultoras pertencentes à agricultura familiar], sem distinção de estado civil, a partir da apresentação de projetos técnicos ou propostas simplificadas. Em 2018, foi criado o Fomento Mulher INCRA, regulamentado pelo Decreto nº 9.424, com o objetivo de fortalecer a autonomia e o protagonismo das mulheres assentadas da reforma agrária em todo o Brasil. Além dessas iniciativas já mencionadas, diversas outras políticas vêm sendo desenvolvidas com foco no reconhecimento, empoderamento e valorização da mulher no meio rural. Compreender os desafios enfrentados por esse setor e promover políticas públicas que atendam às suas necessidades é fundamental para assegurar um futuro sustentável às comunidades rurais. O reconhecimento do papel das mulheres no campo é, portanto, essencial para

o desenvolvimento social e econômico do país (Azevedo, 2025).

3 METODOLOGIA

3.1 Classificação da Pesquisa

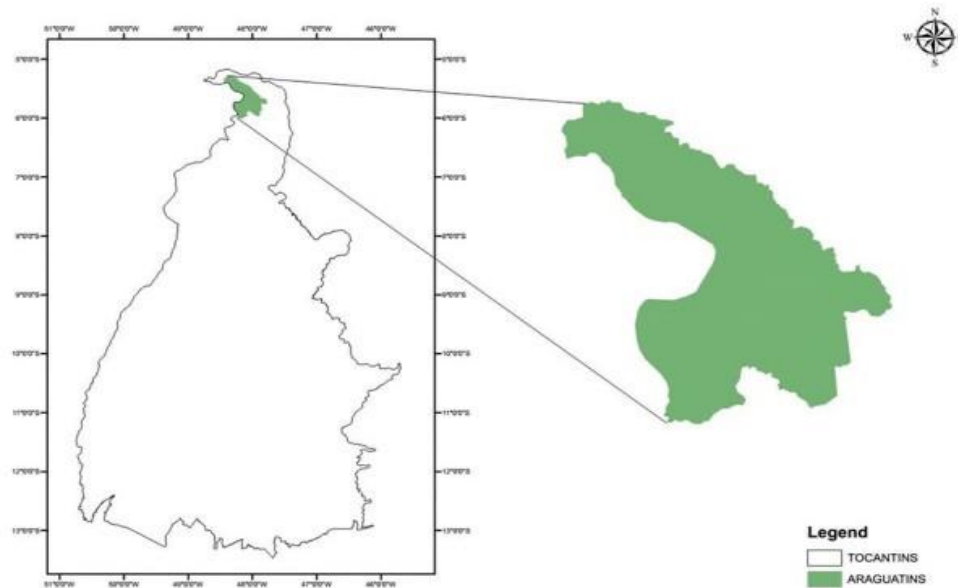
Quanto à abordagem, esta pesquisa caracteriza-se como **qualitativa**, com **caráter exploratório-descritivo**, integrando o aprofundamento inerente à pesquisa exploratória com uma descrição detalhada das características investigadas. Em sua etapa inicial, a dimensão exploratória busca compreender um tema ainda pouco explorado, proporcionando uma visão geral do fenômeno e favorecendo a formulação de hipóteses. Posteriormente, a dimensão descritiva dedica-se à coleta e à análise sistemática dos dados, mantendo-se imparcial diante dos fatos observados, com o objetivo de delinear e caracterizar as variáveis investigadas (OLIVEIRA, 2011).

Nesse sentido, a pesquisa busca compreender **as experiências, percepções e os desafios enfrentados por mulheres inseridas em cursos das ciências agrárias e em atividades profissionais no setor do agronegócio na região de Araguatins – TO**. Quanto aos procedimentos técnicos, o estudo foi desenvolvido por meio de **pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo**. A pesquisa bibliográfica consiste na busca, seleção e análise de materiais já publicados, como artigos científicos, livros, teses e dissertações que abordam o tema em estudo. Já a pesquisa de campo caracteriza-se pela coleta direta de dados junto a indivíduos ou grupos de pessoas, permitindo uma aproximação mais concreta com a realidade investigada, sendo frequentemente utilizada em conjunto com pesquisas bibliográficas e/ou documentais (GUERRA; MOURA, 2021).

3.2 Caracterização da Área de Estudo: Araguatins – TO

O estudo foi desenvolvido no município de **Araguatins**, localizado no estado do **Tocantins**, na microrregião do **Bico do Papagaio**. O município situa-se às margens do **Rio Araguaia**, a uma altitude média de 103 metros. De acordo com dados do **Censo Demográfico do IBGE (2022)**, Araguatins possui aproximadamente **31.918 habitantes** e uma área territorial de **2.633,278 km²**. Suas coordenadas geográficas são: **Latitude 5° 39' 22" Sul e Longitude 48° 7' 8" Oeste**.

Figura 1. Localização de Araguatins



Fonte: Revista Cultivar, 2020

O município apresenta a presença de dois importantes biomas brasileiros: **Cerrado e Amazônia**. A região do Bico do Papagaio encontra-se em uma área de transição entre esses dois biomas, caracterizada como **zona de tensão ecológica**, onde ocorre o encontro de espécies da fauna e da flora típicas de ambos os ecossistemas. Essa condição confere à região elevada importância para a **manutenção da biodiversidade**.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), **o bioma Amazônia ocupa aproximadamente** 10% do território do estado do Tocantins, **enquanto o** bioma Cerrado **corresponde a cerca de 90% da área estadual**. **No caso específico do município de Araguatins, estima-se que** 68% do território esteja inserido no bioma Amazônico e 32% no bioma Cerrado.

3.3 Amostragem, Coleta e Análise de Dados

A pesquisa abrangeu mulheres que atuam ou estudam em instituições relacionadas ao setor agropecuário da região, incluindo o Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Araguatins. Dessa forma, foram consideradas tanto profissionais já inseridas no mercado de trabalho quanto acadêmicas em formação nos cursos de Ciências Agrárias, possibilitando uma análise mais ampla sobre as percepções, experiências e desafios enfrentados pelas mulheres no contexto do agronegócio local. Essa abordagem permitiu compreender diferentes perspectivas geracionais e

profissionais, contribuindo para uma visão mais abrangente sobre a participação feminina no setor.

Figura 2 – IFTO, Campus Araguatins



Fonte: IFTO (2026).

Foram coletados **dados primários** por meio de entrevistas estruturadas e semiestruturadas realizadas com **20 mulheres atuantes ou em formação na área do agronegócio em Araguatins – TO e região**. Desse total, **cinco são profissionais da área**, incluindo professoras, médicas veterinárias, agrônomas e uma produtora da agricultura familiar. Essas participantes foram selecionadas considerando sua representatividade e experiência em diferentes áreas de atuação no setor.

As **demais quinze entrevistadas são acadêmicas** dos cursos de Engenharia Agrônoma e Medicina Veterinária do IFTO – Campus Araguatins, abrangendo diferentes períodos da graduação. Para a seleção das acadêmicas, optou-se por mulheres que, além da formação acadêmica, possuem algum vínculo com o meio rural. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e participaram de forma voluntária. As entrevistas foram realizadas por meio de **questionário estruturado aplicado via Google Forms**, com exceção da entrevista realizada com a produtora da agricultura familiar, que ocorreu **presencialmente**. Ambas as modalidades de entrevista incluíram perguntas objetivas e subjetivas, elaboradas pelas próprias autoras. O questionário utilizado na entrevista online foi previamente testado e, após sua validação, o link foi disponibilizado às participantes.

O roteiro das entrevistas foi organizado em **cinco seções principais**:

1. Perfil da entrevistada;
2. Presença feminina no curso e/ou no mercado de trabalho;
3. Dificuldades e preconceitos enfrentados;
4. Oportunidades e liderança feminina;
5. Propostas para promover a inclusão e a equidade no agronegócio.

Os dados coletados foram analisados por meio da **análise de conteúdo temática**, proposta por Bardin (2011). Segundo a autora, essa técnica consiste em um conjunto de procedimentos metodológicos voltados à análise das comunicações, utilizando métodos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. Essa abordagem permite identificar indicadores, tanto quantitativos quanto qualitativos, que possibilitam realizar inferências acerca das condições de produção e recepção dessas mensagens.

Para a organização e interpretação dos dados, foram definidas as seguintes **categorias de análise**:

1. Presença feminina nos cursos e/ou no mercado de trabalho do agronegócio;
2. Principais barreiras para a valorização da mulher no agronegócio;
3. Diferenças nas oportunidades ofertadas a homens e mulheres no setor.

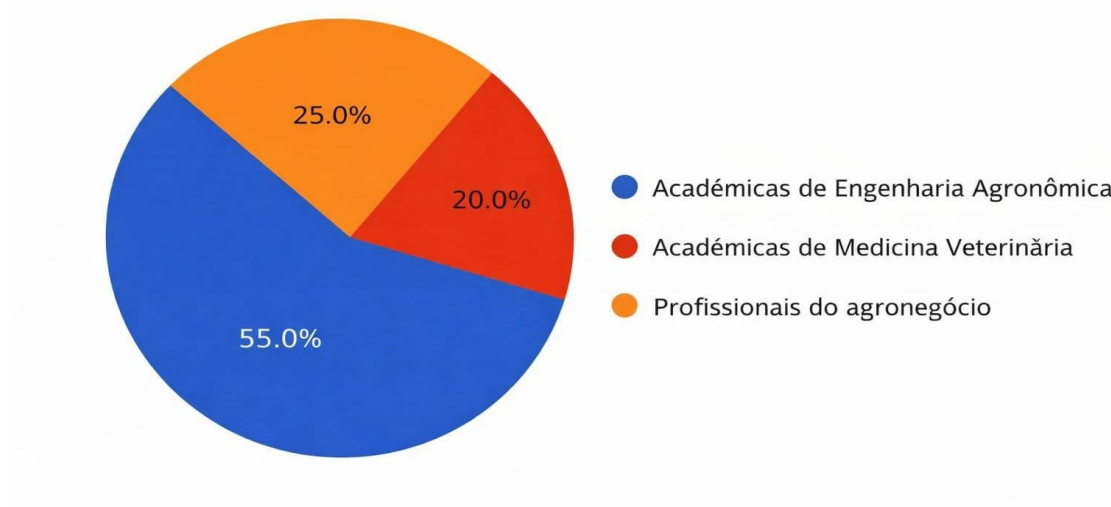
4.RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi dividida em quatro partes: a primeira é referente ao perfil da entrevistada e à presença feminina nos cursos e/ou mercado de trabalho; a segunda é referente às principais barreiras para a valorização da mulher no agronegócio; às diferenças nas oportunidades ofertadas aos homens e mulheres; e a última, propostas para promover a inclusão e equidade no agronegócio.

4.1 Perfil da entrevistada e a presença feminina nos cursos e/ou mercado de trabalho

No total, foram entrevistadas 20 mulheres. Destas, cinco são profissionais atuantes no agronegócio no município de Araguatins – TO e região. Além disso, onze são acadêmicas do curso de Engenharia Agrônômica do Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus Araguatins, e quatro são acadêmicas do curso de Medicina Veterinária da mesma instituição.

Figura 3 – Distribuição das mulheres entrevistadas por vínculo profissional e acadêmico em Araguatins – TO



Fonte: As autoras, 2025

Observa-se que a maioria das profissionais entrevistadas (quatro) atua na área há mais de três anos, enquanto apenas uma possui menos de um ano de

atuação. A produtora da agricultura familiar relatou que, atualmente, **a presença feminina no campo é significativamente maior do que no período em que iniciou suas atividades**, destacando que as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço no setor.

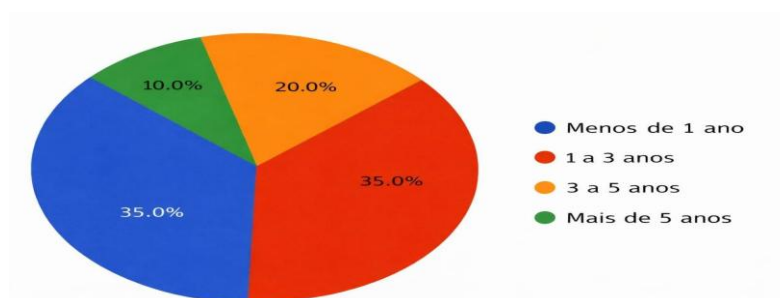
Duas agrônomas entrevistadas afirmaram que **a presença feminina em seus ambientes de trabalho ainda é considerada reduzida**. Essa realidade, entretanto, **difere do contexto relatado pela médica veterinária**, que destacou uma presença feminina **muito significativa** em seu ambiente profissional. Já a professora de Agronomia, que também atua como agrônoma, relatou que **a participação feminina em seu local de trabalho é considerada moderada**, conforme apresentado na **Tabela 1**.

Tabela 1. Resumo de informações sobre as profissionais entrevistadas

Idade	Área de atuação	Tempo de atuação	Presença feminina na área
25	Agrônoma	Menos de 1 ano	Pouca
27	Médica Veterinária	Mais de 5 anos	Muito significativa
29	Agrônoma	3 a 5 anos	Pouca
43	Professora de Agronomia	Mais de 5 anos	Moderada
84	Produtora da agricultura familiar	Mais de 50 anos	Mais significativa

Fonte: As autoras, 2025.

Figura 4. Tempo de atuação



Fonte: As autoras, 2025

Foram entrevistadas acadêmicas do **2º, 4º, 6º, 8º e 10º períodos do curso de Engenharia Agrônômica**. A partir das respostas obtidas, observa-se, de modo geral, que a **presença feminina no curso de Engenharia Agrônômica do IFTO – Campus Araguatins varia entre moderada e muito significativa**, conforme apresentado na **Tabela 2**.

Tabela 2 – Resumo de informações sobre as acadêmicas de Engenharia Agrônômica

Idade	Tempo de graduação	Presença feminina no curso
17	Menos de 1 ano	Moderada
18	Menos de 1 ano	Moderada
18	Menos de 1 ano	Moderada
18	Menos de 1 ano	Pouca
19	1 a 3 anos	Moderada
20	1 a 3 anos	Moderada
20	1 a 3 anos	Muito significativa
21	1 a 3 anos	Muito significativa
22	3 a 5 anos	Muito significativa
22	3 a 5 anos	Moderada
23	3 a 5 anos	Pouca

Fonte: As autoras (2025).

Esse resultado está em consonância com pesquisa publicada pela **Universidade de Rio Verde**, baseada em dados do **Censo da Educação Superior de 2023**, a qual aponta um crescimento progressivo da presença feminina em cursos de Agronomia e áreas relacionadas ao agronegócio. Segundo o estudo, **aproximadamente 55% dos estudantes de Agronomia no Brasil são mulheres**, evidenciando um avanço na participação feminina nas ciências agrárias. Esses dados corroboram a percepção das entrevistadas, indicando **uma ampliação da participação feminina no ensino superior na área agrônômica**,

No curso de **Medicina Veterinária**, foram entrevistadas acadêmicas do **2º e do 4º período**. A partir das respostas obtidas, observa-se que, **assim como no curso de Engenharia Agrônômica**, a presença feminina é percebida pelas entrevistadas como **variando entre moderada e muito significativa**. Esse resultado evidencia uma participação expressiva das mulheres também nesse curso, conforme apresentado na **Tabela 3**.

Tabela 3 – Informações sobre as acadêmicas de Medicina Veterinária

Idade	Tempo de graduação	Presença feminina no curso
18	Menos de 1 ano	Moderada
19	1 a 3 anos	Pouca
20	1 a 3 anos	Muito significativa
20	1 a 3 anos	Moderada

Fonte: As autoras (2025).

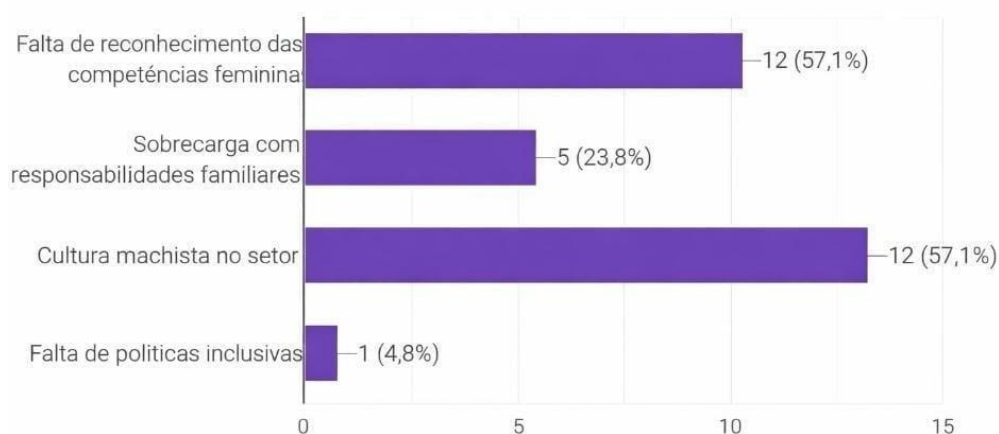
Os dados apresentados na Tabela 3 indicam que a percepção sobre a presença feminina no curso de Medicina Veterinária varia entre moderada e muito significativa entre a maioria das entrevistadas, evidenciando uma participação expressiva das mulheres na graduação.

Apesar de uma das acadêmicas apontar a presença feminina como pouca, o conjunto das respostas demonstra uma tendência de crescimento da inserção feminina no curso, reforçando o avanço da participação das mulheres nas áreas das Ciências Agrárias. Esse cenário reflete mudanças importantes no perfil dos estudantes e aponta para uma maior diversidade de gênero na formação profissional voltada ao setor agropecuário.

4.2 As principais barreiras para a valorização da mulher no agronegócio

A partir da análise dos questionários respondidos pelas participantes da pesquisa, observaram-se respostas recorrentes e de natureza semelhante, relacionadas principalmente à persistência de uma cultura machista no setor, à sobrecarga de responsabilidades familiares, à insuficiência de políticas públicas voltadas à inclusão feminina e à falta de reconhecimento das competências das mulheres no agronegócio

Gráfico 4. Barreiras para valorização feminina



Fonte: As autoras, 2025

As mulheres com maior tempo de experiência no mercado de trabalho, situadas na faixa etária entre **40 e 84 anos**, foram as que mais destacaram as dificuldades relacionadas à **conciliação entre maternidade, responsabilidades domésticas e carreira profissional**. Essas experiências foram relatadas a partir de vivências concretas, como no caso de uma das entrevistadas, uma agricultora de **84 anos**, que ainda atua na agricultura familiar e relatou ter criado **sete filhos sozinha**, assumindo por muitos anos a responsabilidade integral pela manutenção do lar.

Esse cenário também foi identificado por **Menezes e Silva (2016)**, que, ao analisarem o trabalho e as identidades de gênero de gestoras de organizações do agronegócio em Minas Gerais, observaram que as mulheres frequentemente enfrentam **sobrecarga de responsabilidades domésticas**, mesmo quando exercem atividades profissionais fora de casa.

Por outro lado, as **mulheres mais jovens**, ainda em fase inicial de formação profissional — especialmente acadêmicas dos cursos de **Engenharia Agrônoma e Medicina Veterinária** — e que, em sua maioria, ainda não são mães, destacaram principalmente desafios relacionados ao **machismo estrutural, ao assédio moral e físico, à escassez de políticas inclusivas e à falta de reconhecimento e oportunidades profissionais**.

Uma das acadêmicas entrevistadas destacou que:

“Mesmo quando possuem a mesma qualificação, experiência e competência, as mulheres frequentemente enfrentam barreiras invisíveis, conhecidas como ‘teto de vidro’ — um conjunto de obstáculos sutis, como estereótipos de gênero, discriminação implícita e falta de oportunidades de promoção. Além disso, a dupla jornada de trabalho (profissional e doméstica) ainda recai majoritariamente sobre elas, o que dificulta a dedicação exclusiva à carreira em muitos casos.”

Além disso, observa-se que muitas mulheres enfrentam **barreiras já nas fases iniciais da carreira**, como menor incentivo à liderança, ausência de programas de mentoria e dificuldades de acesso a redes profissionais e de influência. Nesse contexto, é comum que mulheres vivenciem **uma dupla jornada de trabalho e uma sobrecarga mental persistente**, acumulando responsabilidades no âmbito profissional e doméstico, o que pode limitar o tempo e a energia disponíveis para o desenvolvimento e progressão na carreira.

4.3 As diferenças nas oportunidades ofertadas aos homens e mulheres

A pergunta realizada às participantes foi: **“Mulheres têm as mesmas oportunidades que homens para cargos de liderança?”**. As respostas foram quase unânimes: **não**.

A produtora da agricultura familiar afirmou que, atualmente, as oportunidades são semelhantes e que, apesar do machismo ainda presente, as mulheres têm se destacado e, em muitos casos, demonstrado desempenho superior ao dos homens em diversas áreas do setor. No entanto, as demais profissionais relataram que, em processos seletivos e entrevistas de emprego, as oportunidades ainda são frequentemente direcionadas aos homens. Dessa forma, muitas mulheres sentem a necessidade de trabalhar mais, se posicionar com firmeza e comprovar constantemente seus conhecimentos para serem reconhecidas e alcançarem cargos de liderança.

As acadêmicas de Engenharia Agrônômica destacaram que as mulheres possuem as mesmas capacidades e potencial que os homens para exercer funções de liderança, porém as oportunidades oferecidas não são equivalentes. Segundo elas, ainda existem desafios relacionados a barreiras culturais, machismo e falta de credibilidade em relação às competências femininas. Além disso, ressaltaram que, quando uma mulher conquista um cargo de liderança, muitas vezes seus esforços não são devidamente

reconhecidos, sendo comum que se atribua sua conquista a relações afetivas ou influências masculinas.

Essa situação pode ser compreendida à luz das reflexões de Bourdieu (1998) sobre **violência simbólica**, definida como uma forma de dominação sutil e muitas vezes invisível, exercida por meio da legitimação social de determinadas imposições de ordem econômica, social ou simbólica. Esse mecanismo atua principalmente no processo de socialização, no qual os indivíduos internalizam disposições, percepções e crenças que os levam a ocupar determinadas posições no espaço social, reproduzindo normas e valores dominantes sem perceberem a própria existência dessa dominação.

Apesar dos avanços observados ao longo dos anos, ainda é evidente que a igualdade de oportunidades não é plenamente vivenciada pelas mulheres no setor. Os resultados desta pesquisa corroboram os achados de Padilla (2020), cujas entrevistadas relataram que frequentemente são vistas como o “sexo frágil”, tendo suas capacidades subestimadas, mesmo quando demonstram esforços e competências superiores aos dos homens.

As acadêmicas de Medicina Veterinária apresentaram percepções semelhantes às das estudantes de Engenharia Agrônoma. Elas ressaltaram, ainda, que muitos produtores rurais preferem ser atendidos por homens, por acreditarem que estes seriam mais aptos para determinadas atividades. Conforme relatou uma das entrevistadas:

“Ainda hoje existem homens que desvalorizam o trabalho feminino por pensarem que não temos inteligência ou competência suficiente para tal tarefa. Mas, olhando para trás, percebo que isso tem mudado aos poucos. Hoje já existem muitas mulheres inseridas no mercado do agronegócio, mesmo diante das diversas dificuldades.”

4.4 Propostas para promover a inclusão e equidade no agronegócio

As profissionais entrevistadas afirmaram que as mulheres precisam continuar se posicionando e demonstrando suas competências no exercício de suas funções, apesar das dificuldades ainda existentes no setor. Destacaram também a necessidade de ampliar ações voltadas para a superação de pensamentos e práticas machistas ainda presentes no meio agropecuário.

As futuras engenheiras agrônomas sugeriram a criação de políticas e programas que valorizem a diversidade, assegurem a igualdade salarial e ampliem o acesso das mulheres a cargos de liderança. Além disso, ressaltaram a importância de as próprias

mulheres se posicionarem de forma mais ativa no ambiente profissional, bem como daquelas que já ocupam cargos de liderança oferecerem oportunidades e apoio a outras mulheres que desejam ingressar ou se desenvolver na área. Uma das entrevistadas destacou que “os produtores precisam confiar que as mulheres podem, sim, exercer funções tradicionalmente consideradas masculinas, especialmente na gestão de propriedades e em atividades que exigem maior esforço físico”.

As acadêmicas de Medicina Veterinária também apresentaram propostas para fortalecer a participação feminina no setor. Segundo elas, é fundamental que a sociedade reconheça o papel das mulheres na produção rural, seja na gestão de propriedades, na pesquisa agropecuária, na comercialização de produtos ou no trabalho direto no campo. Nesse sentido, sugeriram a promoção de eventos, feiras e premiações que valorizem o trabalho feminino no agronegócio, bem como o incentivo à criação de redes e associações de mulheres rurais, fortalecendo o senso de comunidade, representatividade e troca de experiências. Além disso, destacaram a importância da realização de campanhas de conscientização sobre o papel da mulher no campo e sobre a necessidade de promover a equidade de gênero.

De acordo com Aroeira (2025), mulheres participantes de sua pesquisa relataram que, para se consolidarem no setor, é necessário adotar estratégias como posicionamento firme, comunicação assertiva, demonstração de conhecimento técnico e prático, além da busca por apoio de pessoas que reconheçam suas capacidades. As análises da autora indicam que as estratégias adotadas pelas mulheres no meio rural não se limitam a uma adaptação passiva às estruturas já estabelecidas. Pelo contrário, configuram-se como ações intencionais e criativas, baseadas nas relações sociais, que questionam normas vigentes, ressignificam espaços e ampliam as possibilidades de equidade e inovação no campo (Aroeira, 2025).

Por fim, uma das entrevistadas deixou uma mensagem de incentivo às mulheres que atuam ou desejam atuar no setor agropecuário: **“Se nós podemos gerar uma vida, nós podemos tudo!”**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a inserção das mulheres no agronegócio, bem como os desafios relacionados à desigualdade de gênero e ao preconceito ainda presentes nesse setor. De forma específica, buscou-se compreender o crescimento da participação feminina nos cursos de Ciências Agrárias e no meio rural, além de identificar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para alcançar reconhecimento profissional e ascensão na carreira. Os resultados obtidos permitiram atender aos objetivos propostos, evidenciando avanços importantes, mas também a permanência de barreiras estruturais, culturais e sociais.

A pesquisa demonstrou que, embora a presença feminina no agronegócio tenha aumentado de forma significativa nos últimos anos — impulsionada pela busca por qualificação, pela ampliação do acesso ao ensino superior e pelo fortalecimento do protagonismo feminino —, ainda persistem desigualdades relacionadas às oportunidades de liderança, à valorização profissional e ao reconhecimento das competências das mulheres. As participantes da pesquisa relataram experiências de preconceito, sobrecarga de responsabilidades familiares e profissionais, além da necessidade constante de comprovação de sua capacidade técnica, refletindo a permanência de uma cultura machista historicamente presente no meio agrário. Nesse sentido, ressalta-se que a busca pela igualdade de gênero não representa uma disputa entre homens e mulheres, mas sim uma necessidade de promover respeito, equidade e justiça social.

Entre as limitações deste estudo, destacam-se o número reduzido de participantes e o recorte local da pesquisa, concentrado no contexto do Instituto Federal do Tocantins – Campus Araguatins e em sua região de influência. Esses fatores limitam a generalização dos resultados para outras realidades do agronegócio brasileiro. Dessa forma, recomenda-se que pesquisas futuras ampliem o número de participantes, incluam diferentes regiões do país e aprofundem análises relacionadas às políticas públicas, à liderança feminina e aos impactos da equidade de gênero para o desenvolvimento do setor agropecuário.

Por fim, destaca-se que a promoção da igualdade de gênero no agronegócio constitui um elemento essencial para o fortalecimento do desenvolvimento rural sustentável. O empoderamento feminino está diretamente alinhado aos princípios da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas, especialmente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5), que visa alcançar a igualdade de gênero e fortalecer o papel das mulheres na sociedade. Assim, reconhecer e valorizar a atuação feminina no agronegócio não representa apenas uma questão de justiça social, mas

também uma estratégia fundamental para promover inovação, diversidade e sustentabilidade no setor.

REFERÊNCIAS

AROEIRA, Tarciana Oliveira da Silva. “Botina e batom: mulheres que fazem o agro andar”: o protagonismo das mulheres rurais em contextos de desigualdade e inovação no campo. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 8, p. 1-21, 2025. Disponível em: <https://share.google/Pj35clh4s1mHpTmBn>. Acesso em: 29 nov. 2025.

AZEVEDO, Izabelle Dantas. **Empoderando a liderança feminina na agricultura familiar: o papel do PRONAF Mulher no desenvolvimento de unidades agropecuárias no Seridó potiguar (UAs)**. 2025. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). **Escritos de educação**. São Paulo: Vozes, 1998. p. 39-64.

BRASIL. **Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012**. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 ago. 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Relatório da 2ª Conferência Nacional de Mulheres do Campo e da Floresta (CNMA)**. Brasília: MDA, 2015.

BUARQUE, Cristina. Memórias: políticas da secretaria da mulher – frente para as mulheres rurais de Pernambuco. **Estudos Universitários**, [S. l.], v. 30, n. 11, p. 199-214, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/estudosuniversitarios/article/view/256346>. Acesso em: 28 dez. 2025.

BURANELLO, Renato. **Agronegócio: conceito**. 2018. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/208/edicao-1/agronegocio:-conceito>. Acesso em: 29 set. 2025.

CIELO, I. D.; WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M. A participação feminina no agronegócio: o caso da Coopavel – Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico – Eletrônica (RCCe)**, v. 12, n. 1, p. 59-77, jan./mar. 2014.

DESAFIOS e vitórias: o papel das mulheres no agronegócio em 2025. **Quattromani Propaganda**, 2025. Disponível em: <https://quattromani.com.br/desafios-e-vitorias-o-papel-das-mulheres-no-agronegocio-em-2025>. Acesso em: 25 set. 2025.

FAO; ONU MULHERES. **Políticas de gênero na agricultura e no desenvolvimento rural sustentável**. Roma: FAO, 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **The role of women in agriculture**. Roma: FAO, 2011. Disponível em: <https://www.fao.org/3/i2050e/i2050e.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2026.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues; MOURA, Dayvison Bandeira de. A chave para o conhecimento: desvendando os benefícios da pesquisa bibliográfica em pesquisas educacionais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 3, p. 597-604, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i3.10440>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10440>. Acesso em: 23 out. 2025.

HRYNIEWICZ, L. G. C.; VIANNA, M. A. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. 2018. Disponível em: <https://quattromani.com.br/desafios-e-vitorias-o-papel-das-mulheres-no-agronegocio-em-2025>. Acesso em: 25 set. 2025.

IBGE. **Biomass e sistema costeiro-marinho do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <ftp.ibge.gov.br>.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=266778>. Acesso em: 27 set. 2025.

MACHADO, Izabela. **Protagonismo feminino no agro: conquistas e desafios das mulheres na liderança das propriedades rurais**. 2023. Disponível em: <https://agroadvance.com.br/blog-protagonismo-feminino>. Acesso em: 25 set. 2025.

MENEZES, R. S. S.; SILVA, F. D. Trabalho e identidades de gênero de gestoras de organizações do agronegócio em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3, n. 2, p. 127-144, 2016.

ONU. **Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**. Nova Iorque: Organização das Nações Unidas, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 27 out. 2025.

ONU MULHERES. **Relatório de progresso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: igualdade de gênero (ODS 5)**. Brasília: ONU Mulheres Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.unwomen.org>. Acesso em: 27 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS): objetivo 5 – igualdade de gênero**. ONU Brasil, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 27 out. 2025.

PADILLA, R. B. et al. Atuação da mulher no agronegócio: estudo das dificuldades enfrentadas em Naviraí-MS. **40ª SEMAD – Semana do Administrador**, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, jan./abr. 2004.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100012>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SCHWENDLER, Sônia. Mulheres rurais e políticas públicas no Brasil: desafios para a igualdade de gênero e sustentabilidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 843-865, 2014.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as águas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SILVA, B. R. da; REDIN, E. Lugar de mulher é onde ela quiser: os desafios das mulheres no mercado de trabalho dos agronegócios. **Estudo & Debate**, v. 27, n. 3, p. 158-180, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22410/issn.1983-036x.v27i3a2020.2531>.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário Online (Instrumento de Coleta)

1. Qual é o seu nome e idade?
2. Qual curso você escolheu ou em qual área do agronegócio você atua atualmente?
3. Há quanto tempo você está no curso ou exerce a profissão (caso já esteja atuando no mercado de trabalho)?
4. O que motivou você a escolher essa área (curso ou profissão)?
5. Como você percebe a presença feminina no curso ou no seu ambiente de trabalho?
6. Em sua opinião, quais são as principais barreiras para a valorização da mulher no agronegócio?
7. Você acredita que as mulheres têm as mesmas oportunidades que os homens para ocupar cargos de liderança? Justifique sua resposta.
8. O que pode ser feito para promover a inclusão e a equidade de gênero no agronegócio?

Apêndice B – Questionário Presencial (Instrumento de Coleta)

1. O que motivou você a escolher essa área (curso ou profissão)?
2. Como você percebe a presença feminina no agronegócio atualmente?
3. Na sua experiência, quais são os maiores desafios enfrentados pelas mulheres nesse setor?
4. Você já presenciou ou sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher (ou presenciou com colegas)? Caso se sinta à vontade, poderia relatar?
5. Como você avalia a relação entre homens e mulheres no ambiente de estudo ou trabalho?
6. Você acredita que as mulheres possuem as mesmas oportunidades que os homens para ocupar cargos de liderança? Por quê?
7. Que estratégias poderiam contribuir para reduzir as desigualdades e os preconceitos no agronegócio?
8. Como você vê o futuro da participação feminina nesse setor?

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Gênero e Agronegócio: a luta das mulheres pela inclusão e contra o preconceito**”, desenvolvida pelas pesquisadoras **Samantha Carlos Lourenço e Vitória Vieira Gomes**, discentes do curso de **Bacharelado em Engenharia Agrônômica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – Campus Araguatins**, sob orientação da professora **Erica Ribeiro de Sousa Simonetti**.

O objetivo central deste estudo é analisar como vem ocorrendo o ingresso das mulheres nos cursos e nas profissões relacionadas ao agronegócio, bem como identificar possíveis barreiras estruturais, culturais e preconceitos de gênero presentes nesse contexto.

Critério de participação

O convite para participar da pesquisa deve-se ao fato de você ser **acadêmica ou profissional da área de Ciências Agrárias**.

Participação voluntária

Sua participação é **voluntária**, ou seja, não é obrigatória. Você possui plena autonomia para decidir se deseja ou não participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo. Ressalta-se que sua colaboração é muito importante para o desenvolvimento deste estudo.

Confidencialidade e privacidade

Todas as informações fornecidas serão tratadas com **sigilo e confidencialidade**. Nenhum dado que permita a identificação do participante será divulgado nos resultados da pesquisa. As informações coletadas serão armazenadas em local seguro e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos.

Procedimentos da pesquisa

Sua participação consistirá em responder a um **questionário ou entrevista** contendo perguntas relacionadas ao tema da pesquisa. Caso seja realizada entrevista, esta somente será gravada mediante autorização prévia do participante.

Tempo de participação

A entrevista terá duração aproximada de **uma hora**, enquanto o questionário demandará cerca de **trinta minutos** para ser respondido.

Armazenamento dos dados

As entrevistas serão transcritas e armazenadas em **arquivos digitais**, sendo acessadas apenas pelas pesquisadoras e pela professora orientadora. Após a

conclusão da pesquisa, os materiais serão arquivados por um período mínimo de **cinco anos**, conforme determina a **Resolução CNS nº 466/2012**.

Benefícios da pesquisa

Os benefícios indiretos desta pesquisa referem-se à ampliação do conhecimento sobre a realidade da participação feminina no agronegócio, podendo contribuir para a elaboração de **políticas públicas e iniciativas que promovam maior equidade de gênero no setor**.

Possíveis riscos ou desconfortos

Toda pesquisa envolve riscos potenciais. No entanto, este estudo apresenta **risco mínimo**, podendo apenas gerar algum desconforto ao abordar experiências pessoais relacionadas ao trabalho no meio rural ou a situações de preconceito.

Divulgação dos resultados

Os resultados da pesquisa serão divulgados na **monografia de conclusão de curso** das pesquisadoras e poderão contribuir para futuras pesquisas na área.

Em caso de dúvidas sobre a condução ética do estudo, você pode entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do IFTO (CEP/IFTO)**:

Telefone: (63) 3229-2237

E-mail: cep@ifto.edu.br

Contatos das pesquisadoras

Samantha Carlos Lourenço

Telefone: (63) 99985-2838

E-mail: samantha.lourenco@estudante.ifto.edu.br

Vitória Vieira Gomes

Telefone: (63) 9 9961-4284

E-mail: vitoria.gomes@estudante.ifto.edu.br

Orientadora: Profa. Erica Ribeiro de Sousa Simonetti

Telefone: (99) 98187-7000

E-mail: erica.simonetti@ifto.edu.br

Este termo será redigido em **duas vias**, sendo uma destinada ao participante e outra ao pesquisador responsável. Todas as páginas deverão ser rubricadas, e as assinaturas deverão ser inseridas na última página.

Declaro que fui informado(a) sobre os objetivos e condições de participação na pesquisa e **concordo em participar voluntariamente**.

Araguatins – TO, ____ de _____ de ____.

Assinatura do participante da pesquisa

Nome: _____